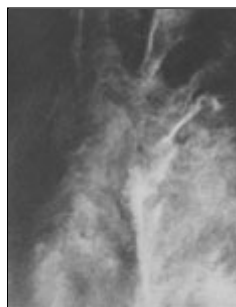


Maio de 1942. Combinado na inauguração da exposição de Edward Steichen "Road to Victory", jantar em casa dos Newhall. A anfitriã, Nancy, preparava uma biografia de Alfred Stieglitz; o convidado principal, Paul Strand, seria uma preciosa e inevitável fonte de informações. "Uma testemunha das mais difíceis" esperava Nancy Newhall. "Quando ele chegou, acompanhado pela sua mulher, a actriz Virginia Stephens, espantou-me e a Beau (1), pela forma ávida e definitiva com que expressou o seu carinho por Stieglitz" (2).

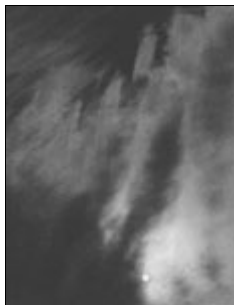
Contudo, no decorrer da conversa, Strand deixou escapar duas observações inesperadas. A primeira: sentia que as "Equivalentes", como outras fotografias mais recentes de Stieglitz, eram demasiado pessoais (íntimas?), preferindo os trabalhos mais antigos, directos e simples. A segunda: que os objectivos pelos quais Stieglitz tinha lutado, toda uma vida, estavam fora de moda e eram inatingíveis. As surpresas são, também, duas. Stieglitz é, provavelmente e exclusivamente, e na melhor das companhias (Kertész, Lartigue, Atget, entre muitos outros), um fotógrafo de fotografias obcecadamente pessoais e confessionais. Nem a confusão que teima em separar trabalhos pessoais e profissionais (como se uns não pudessem ser os outros) parece ajudar a compreender o alcance desta observação de Strand. Porque se existiu uma consequência da filosofia ("Os fotógrafos devem aprender a não se envergonharem por as suas fotografias se parecerem com fotografias") (3) e das lutas pela Fotografia, pelos Fotógrafos e por uma Arte norte-americana genuinamente contemporânea, que Stieglitz defendeu e travou durante toda a vida, essa foi Paul Strand. E se os brancos que imprimiu, em forma de touca de enfermeira ou em forma de ausência, nas fotografias de New England, não são umas outras nuvens para outros equivalentes então a Fotografia deste século não é o que parece nem o que é.



Março de 1925. No catálogo e no espírito do feito e do mostrado, Arthur Dove, um dos Sete, escreveu:

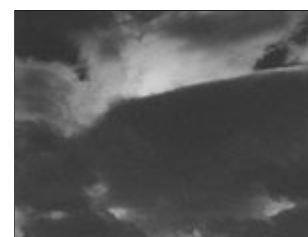
UMA MANEIRA DE OLHAR AS COISAS

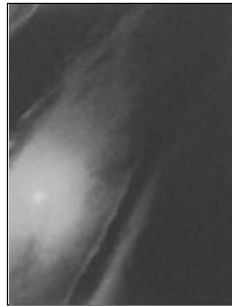
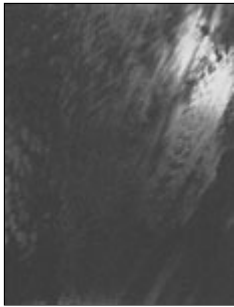
Ainda não fizemos sapatos que assentem como areia
 Nem roupas que sirvam como água
 Nem pensamentos que se ajustem como ar.
 Há tanto para fazer -
 As criações da natureza são abstractas.
 Não se apoiam em outras coisas para terem sentido.
 A gaivota não é como o mar
 Nem o sol como a lua.
 O sol retira água do mar.
 As nuvens não são iguais entre si -
 Não mantêm a mesma forma para sempre.
 Que a encosta da montanha se pareça com um rosto é
 acidental.



Quem, destes Sete, eram os outros seis? Marsden Hartley, John Marin, Charles Demuth, Paul Strand, Georgia O'Keeffe e Alfred Stieglitz. O nome da exposição (uma ideia de Stieglitz, antecedendo a abertura da The Intimate Gallery, um pequeno espaço nas Anderson Galleries): "Sete americanos - 159 pinturas, fotografias e coisas, recentes e nunca antes mostradas publicamente". O que expôs Stieglitz?: "Uma série de pequenas impressões a que chamou Equivalentes e que pretendia pudessem explicar o conceito da sua Fotografia. Objectos da natureza, nuvens, um álamo e as suas folhas tremulando ao vento e à luz do sol; todos reconhecidos como retratos. A tradução da experiência pela Fotografia, o armazenar de energia, sentimento, memória, impulso, querer..." (4). Dos Sete, de todos eles, Arnold Rönnebeck, escultor, antigo director do Denver Museum of Art, comentou: "Estes sete americanos são exploradores... Acredito que a auto-descoberta criativa de cada um deles significa nada menos que a descoberta do papel independente da América na História da Arte" (5). De si próprio e das suas fotografias, num reinventar de uma maneira de olhar as coisas, Stieglitz comentou no catálogo da exposição: "Estas fotografias continuam a busca pela minha Verdade - Fotografia".

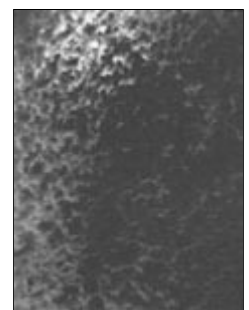
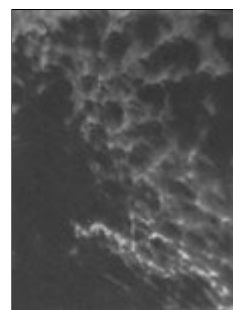
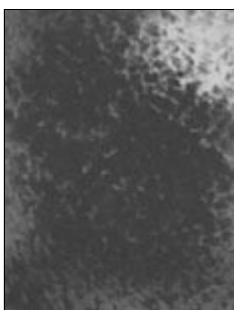
1923. O princípio é simples: fotografá-las e processá-las por meios ao alcance de qualquer fotógrafo: "Quis fotografar nuvens para descobrir o que, em quarenta anos, aprendi sobre fotografia. Para, através das nuvens, reforçar a minha filosofia de vida - para mostrar que as minhas fotografias não eram devidas nem ao fotografado nem a privilégios especiais - as nuvens estavam lá, para toda a gente - por enquanto sem impostos - livres" (6). Impressões por contacto a partir de negativos quatro por cinco polegadas, resultados da sua Graflex e do seu entendimento. Estas pequenas imagens habituaram-se a conviver em séries (a que primeiro chamou "Canções do céu"), produtos das obsessões do fotógrafo e das imposições do fotografado. Rasgos de luz em movimento perpétuo, puros e voláteis, acostados a princípios documentais e afastados nos trilhos do pessoalismo. Estudos que tinha iniciado na Suíça, destinados a calcular o tempo de exposição correcto para as diferentes partes de uma paisagem, a reunir, posteriormente, em estúdio. Tornaram-se extensões do próprio fotógrafo, caminhos e descaminhos para a sua alma passando pelo excessivo dos seus olhos. Da sua pequenez sobra uma esmagadora carga tonal, um encadeado de emoções luminosas, de texturas de vazio e de perfis assombrosos e universais. Sobra tudo o que é fotografia e as palavras emocionadas que o compositor Ernst Bloch conseguiu libertar por elas, connosco: "Ah! Música, música!" (7). Ficam-nos as "Equivalentes", como todos nós.





New York, 1921. Quatro anos. O fim da "Camera Work" e da "291" (8), quatro anos antes. Era altura de mostrar o que de antes e de agora eram as suas fotografias. Local para a exposição: as Anderson Galleries. O resultado: " (9) Fizeram-me querer esquecer todas as fotografias que tinha visto antes ...". Na nota ao texto, "A Statement", que escreveu para o catálogo, Stieglitz fez questão de nos lembrar que não tinha utilizado termos "a tornarem-se, rapidamente, obsoletos" como os seguintes : Arte, Ciência, Beleza, Religião, todos os ismos, Abstracção, Forma, Plasticidade, Objectividade, Subjectividade, Velhos Mestres, Arte Moderna, Psicanálise, Estética, Fotografia Pictoralista, Democracia, Cézanne, "291", Proibição. Mas o que aqui estabelece um caminho e lança os alicerces para a fotografia e para os fotógrafos, tinha ficado um parágrafo antes: " (10). Nasci em Hoboken. Sou um Americano. A Fotografia é a minha paixão. A busca pela Verdade a minha obsessão"

lisboa, setembro de 1999, domingos caldeira



<<